

A opinião nas redes sociais: a problemática da intolerância e a catarse no Facebook

José Antonio Martinuzzo¹

Universidade Federal do Espírito Santo, UFES, Vitória, ES

Renata Rezende²

Universidade Federal Fluminense, UFF, Niterói, RJ

Resumo: Este artigo deriva de uma pesquisa ampliada acerca da interface entre as redes sociais e o regime de opinião atual. Nesse recorte, problematizamos a questão da intolerância a partir dos resultados de um questionário com os usuários do *Facebook*, no qual verificamos a ocorrência de influxos na formação e circulação do pensamento cotidiano, que também implica comportamento, orientado, muitas vezes, por movimentos de catarse. Tal conceito é tomado a partir de Aristóteles, em uma releitura que inclui a liberação emocional não apenas dramática, mas configurada em uma política dos afetos.

Palavras-chave: Redes Sociais; Cotidiano; Opinião; Intolerância; Catarse; Facebook;

INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, os processos, os meios e as práticas são atravessadas pela interferência dos dispositivos comunicacionais, onde vivenciamos um movimento de fusão da vida cotidiana com a tecnologia: torna-se evidente a hibridização da *techné* com a *aisthesis*, ou, como acredita Sodré (2006), a conversão da vida em emoção. As tecnologias de informação, de comunicação e de imagem conduzem os sujeitos à afetação da experiência pela própria tecnologia, fazendo-os viver em novas configurações humanas do modo produtivo e em outras possibilidades de organização dos meios de produção, nas quais se exige uma dimensão que adentra mais o sensível que o racional (SODRÉ, 2006). Essa configuração é possível de ser verificada nas redes sociais, que transformam as relações entre linguagem e experiência, selecionando, ordenando e classificando, por meio da constituição de performances, determinadas realidades.

Com o aumento dos fluxos de informações e de imagens, as relações tornaram-se ainda mais mediadas e os indivíduos passaram a compartilhar cada vez mais interesses,

¹ Professor Pós-Doutor do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades, na mesma instituição, do qual é coordenador-adjunto. E-mail: martinuzzo@hotmail.com.

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano e do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense. Pós-Doutora em Comunicação e Cultura, Doutora em Comunicação e Mestre em Comunicação e Imagem. Pesquisadora dos grupos MULTIS (Núcleo de Estudos e Experimentações do Audiovisual e Multimídia) e COMC (Práticas Comunicacionais Contemporâneas). E-mail: renatarezender@yahoo.com.br

ideias e relacionamentos através de redes colaborativas na Internet (redes sociais). Essas plataformas mobilizam cada vez mais usuários, que agregam informações, construindo-se e comunicando com outros atores, deixando vestígios que permitem o reconhecimento das formas de suas conexões, bem como o compartilhamento nessas redes³. Na comunicação em rede, “a vida social, as mentalidades, os valores e os processos culturais parecem definitivamente vinculados a telas, monitores e ambientes virtuais” (MORAES, 2010, p.15) e a dimensão dessa era da imagem e de tecnologias parecem se tornar cada vez mais sinestésicas, inserindo o afeto e a emoção na circulação dos conteúdos. Para Muniz Sodré (2006, p.123), diante dos registros e da aceleração retórica cada vez maior, há uma incitação à consciência “fascinada, emocionada, afetivamente mobilizada a entrar no jogo da produção e do consumo dos efeitos energéticos do real”. É nesse contexto, dentro do espaço das redes sociais, que observamos como se dá a construção da intolerância ou intransigência à alteridade, numa relação que, muitas vezes, incorpora a catarse, enquanto movimento narrativo de afetação por meio do contraste, da distinção e/ou diferença da opinião alheia.

Sodré (2006) explica que termos como afeição ou afecção, provenientes de *affectus* e *afectio*, referem-se a um conjunto de estados que atua na função psíquica chamada de afetividade, e afeto, com a mesma etimologia, refere-se ao exercício de uma ação em particular sobre a sensibilidade de determinado ator. O autor afirma que a ação de afetar, no latim clássico, contém o significado de emoção, na medida em que corresponde a *commuovere*, comportando, nesse sentido, um fenômeno afetivo que se define por uma perturbação na consciência. Desta forma, segundo Sodré, o afeto pode equivaler à ideia de energia psíquica, “mostra-se, assim, no desejo, na vontade, na disposição psíquica do indivíduo que [...] é provocado pela descarga de tensão”. Percebemos “essa descarga emotiva” nos relatos no *Facebook*, marcadamente no que diz respeito à intolerância à alteridade, conforme demonstramos na pesquisa a seguir.

³ Utilizamos o conceito de rede social a partir de Recuero (2009) que a define enquanto um conjunto de dois elementos, atores (pessoas, instituições, ou grupos que seriam os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais).

A PESQUISA

No campo geral da pesquisa⁴, para verificar como se dá a interface entre opinião e redes sociais, foi proposto uma enquete aos usuários do *Facebook*⁵, que aderiram voluntariamente à investigação. O questionário, com 16 perguntas fechadas, específicas sobre o processo de formação da opinião e sua relação com a rede social digital, ficou disponível durante 10 dias, entre 27 de março e 7 de abril de 2014, alcançando dias úteis e finais de semana.

A partir da rede de amigos virtuais no *Facebook* do primeiro autor, foram feitos 102 compartilhamentos, com 402 questionários respondidos, por internautas com idades entre 17 e 64 anos. As informações foram arquivadas pelo Núcleo de Processamento de Dados (NPD) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), para posterior processamento e análise.

Por meio de perguntas específicas acerca da constituição da opinião, se buscou verificar aspectos sobre a possível influência das redes sociais no regime de pensamento atual. Destacou-se na pesquisa as interferências/novidades no processo do *Facebook* no cotidiano; a confiabilidade dos conteúdos; os usos da própria rede social; as dinâmicas opinativas, com ocorrência ou não de lideranças/formadores de opinião; as temáticas em pauta; a *dieta de mídia*⁶, relativa à formação da opinião e a **convivência/tolerância** à divergência numa mesma rede, item que problematizamos nesse artigo.

Apesar de não ser obrigatória a resposta sobre a localidade do respondente, verificamos o alcance geográfico da pesquisa a partir das indicações voluntárias. Foram identificadas respostas de 14 Estados (Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Distrito Federal, Pará, Sergipe, Bahia, Goiás, Paraná, Roraima e Mato Grosso do Sul). Do exterior, houve respondentes na França,

⁴ O questionário é derivado da pesquisa realizada no âmbito do estágio pós-doutoral do primeiro autor, com a supervisão da segunda autora, no Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da UFF, no primeiro semestre de 2014. Destaca-se que não se trata de estudo de “opinião pública”, nem de análise de conteúdo de mensagens, mas de verificar a participação das redes e suas dinâmicas na estruturação/formação da opinião pessoal/individual dos internautas.

⁵ Rede social digital. Ver mais in: www.facebook.com

⁶ Constituída como uma metáfora da dieta alimentar, a partir da citação de Cardoso, entende-se “dieta de mídia” como o conjunto de mídias pessoais e de massa, *on e off-line*, articuladas/utilizadas pelo utilizador conforme suas necessidades e desejos de trocas comunicacionais. Ver mais in: CARDOSO, Gustavo. **Da comunicação em massa à comunicação em rede: modelos comunicacionais e a sociedade da informação**. In: MORAES, Denis (Org.). *Mutações do visível*. Rio de Janeiro: Pão e Rosas, 2010.

Itália, Argentina, Alemanha, Escócia, Irlanda e Estados Unidos. Como demonstramos nas tabelas abaixo, a maior parte dos respondentes é do sexo feminino e possui ensino superior.

Sexo	Respondentes	Percentual
Feminino	264	65,67%
Masculino	138	34,33%
Total	402	100%

Tabela 1. Referência Sexo

Escolaridade	Respondentes	Percentual
Fundamental	03	0,75%
Médio	33	8,21%
Superior	200	49,75%
Pós	166	41,29%
Total	402	100%

Tabela 2. Referência Escolaridade

O recorte da convivência

Para entender como se estabelece a “convivência” de opiniões divergentes no interior de uma rede social, elaboramos duas perguntas específicas. Para mais de 80% dos respondentes, é comum haver troca de opiniões diferentes sobre um mesmo assunto nas redes. A unanimidade no campo das opiniões reina absoluta em cerca de 17% das conexões.

1 - É comum haver trocas de mensagens/conversas com opiniões diferentes sobre um mesmo assunto na sua rede social?	Respondentes	Percentual
Não	68	16,92%
Sim	334	83,08%
Total	402	100%

Tabela 3. Sobre a incidência de opiniões diferentes

No entanto, nem sempre essa convivência é pacífica. Para 58,67% dos que dizem observar opiniões divergentes nas suas redes (ou 196 do total de 334 respondentes que testemunham divergências opinativas), essa experiência apresenta algum grau de problema, de dificuldades (34,13%), passando por radicalismos e intolerâncias (11,07%), até o rompimento da “amizade” *on-line* (13,47%). Ou seja, as publicações de opiniões

divergentes não garantem ou significam convivência tranquila. Muito pelo contrário, segundo demonstra o resultado, na tabela 4.

2 - Se a resposta anterior foi SIM, o “diálogo” entre pessoas com opiniões diferentes sobre um mesmo assunto na sua rede, acontece de forma?	Respondentes	Percentual
Tranquila	138	41,33%
Difícil	114	34,13%
Radicalizada/intolerante	37	11,07%
Já levou até a exclusão de "amigos"	45	13,47%
Total	334	100%

Tabela 4. Sobre o modo como são acatadas opiniões diferentes

Convivência (por sexo)

Seguindo o quadro geral, tanto homens quanto mulheres apontam comportamento semelhante: para mais de 80% em ambos os grupos é comum a troca de ideias ou juízos diferentes nas suas redes.

3 - É comum haver trocas de mensagens/“conversas” com opiniões diferentes sobre um mesmo assunto na sua rede social?	Feminino	Masculino
Não	47 (17,8%)	21 (15,2%)
Sim	217 (82,2%)	117 (84,8%)
Total	264 (100%)	138 (100%)

Tabela 5. Sobre as opiniões diferentes por sexo

No caso de convivência entre aqueles que pensam diferentemente, essa relação se dá de forma inamistosa para a maioria dos sexos, mas é um tanto mais extremada nas redes das mulheres, que relatam o maior número de rompimentos de amizades em razão da divergência de opiniões e convivência difícil entre pessoas com ideias diferentes. Sem falar que há menos tranquilidade entre as mulheres que pensam diferentemente em comparação aos homens. Estes, os homens, só estão à frente das mulheres no quesito convivência “radicalizada/intolerante”, conforme podemos observar na tabela 6.

4 - Se a resposta anterior foi SIM, o “diálogo” entre pessoas com opiniões diferentes sobre um mesmo assunto na sua rede acontece de forma?	Feminino	Masculino
Tranquila	87 (39,55%)	51 (44,75%)
Difícil	79 (35,90%)	35 (30,70%)
Radicalizada/intolerante	20 (9,10%)	17 (14,90%)
Já levou até a exclusão de "amigos"	34 (15,45%)	11 (9,65%)
Total	220 (100%)	114 (100%)

Tabela 6- Sobre como são acatadas opiniões diferentes segundo o sexo

Convivência (por escolaridade)

Quando a avaliação é feita por nível de escolaridade, pode-se perceber que em casos de ensino fundamental, há dois terços indicando convergência de opiniões sempre. As redes que mais contêm opiniões divergentes são aquelas de internautas com curso superior, seguidas daquelas dos pós-graduados e dos de ensino médio.

5 - É comum haver trocas de mensagens/“conversas” com opiniões diferentes sobre um mesmo assunto na sua rede social?	Fund.	Médio	Superior	Pós-graduação
Não	02 (66,6%)	8 (24,25%)	26 (13%)	32 (19,28%)
Sim	01 (33,4%)	25 (75,75%)	174 (87%)	134 (80,72%)
Total	03 (100%)	33 (100%)	200 (100%)	166 (100%)

Tabela 7 –Sobre a relação de opiniões diferentes e escolaridade

A convivência entre os de opiniões diferentes, verificada por nível de escolaridade, é mais complexa exatamente entre os de nível superior e os pós-graduados, sendo que estes últimos, proporcionalmente, relatam o maior número de exclusões por divergência de opinião (17%). As exclusões entre os de ensinos médio e superior giram em torno de 12%.

6 - Se a resposta anterior foi SIM, o “diálogo” entre pessoas com opiniões diferentes sobre um mesmo assunto na sua rede acontece de forma?	Fund.	Médio	Superior	Pós-graduação
Tranquila	01 (100%)	14 (56%)	66 (37,94%)	57 (42,55%)
Difícil	0 (0%)	6 (24%)	70 (40,22%)	38 (28,35%)
Radicalizada/intolerante	0 (0%)	02 (8%)	19 (10,92%)	16 (11,94%)
Já levou até a exclusão de "amigos"	0 (0%)	03 (12%)	19 (10,92%)	23 (17,16%)
Total	01 (100%)	25 (100%)	174 (100%)	134 (100%)

Tabela 8- Sobre o modo como são acatadas opiniões diferentes segundo a escolaridade

Em linhas gerais, a análise da questão da convivência entre divergentes no *Facebook* mostra que circulam opiniões contrárias numa mesma rede, mas que, mesmo num ambiente potencialmente democrático, aberto e capaz de dar lugar ao contraditório, os radicalismos, as intolerâncias e as exclusões por conta da opinião existem, sendo apontadas por cerca de 20% de respondentes de ensino médio e superior, com destaque para os pós-graduados, nesse *ranking* pouco louvável, com 30% de indicações de comportamento arbitrário. Um exemplo narrativo da intolerância à opinião alheia revela-se no texto abaixo, extraído do *Facebook*. A usuária, estudante do ensino superior, afirma: “acabei de passar (pela enésima vez) por uma situação chatíssima graças a opiniões divergentes” (ver figura 1). Segundo ela, que optou por excluir o “amigo” de sua rede, o incomodo se deu pela “falta de respeito à opinião alheia” e não pela diferença de opinião.

Olá, colegas de face.
Vim de novo falar com vocês sobre as ~amizades que a gente faz aqui no FB.
Acabei de passar (pela enésima vez) por uma situação chatíssima graças a opiniões divergentes. Na realidade, o desconforto não foi gerado por diferença de opinião, mas sim por falta de respeito à opinião alheia. Uma conhecida compartilhou qualquer coisa pouco criativa sobre como toda mulher ama filmes românticos, beijo na testa, quer ser mimada, etc etc. Comentei algo simples do tipo "acho que nem toda mulher gosta". O resultado foi uma resposta com nível desnecessário de falta de educação. Minha atitude? Unfriended 😊
Eu sempre acreditei muito no diálogo e continuo a acreditar, mas, porém, entretanto, todavia tem gente que não quer conversar. Não dá pra conversar com quem não quer conversar. Estou cansada de esquentar minha cabeça com esse tipo de coisa e sim, me sinto mal por me sentir cansada aos dezenove anos. Talvez seja um sinal de que eu sou tão perseverante que já dei murro em ponta de faca demais. Talvez eu só esteja desistindo muito cedo. De qualquer forma, tenho certeza que estou fazendo um favor para a minha saúde mental e para esses colegas que não querem pôr em risco suas preciosas opiniões sacramentadas.

Figura 1. Exemplo de texto sobre intolerância às opiniões divergentes

Postagens como essa evidenciam que as redes sociais digitais, assim como o ciberespaço como um todo, não são um mundo à parte do restante da sociabilidade que as produz como técnica e como ética, como ferramenta e como relacionamento.

A tessitura narrativa se desenvolve no desejo de afetar outros corpos e poder ser por eles afetado, não importa a forma, pois o corpo (aqui representado pelo perfil de cada usuário dessa rede) é um indivíduo que se define tanto pelas relações internas como na interação com os demais corpos (outros perfis), sendo por eles alimentados, revitalizados e fazendo o mesmo em troca, inclusive na esfera da opinião que se constitui na convivência com o outro (REZENDE, 2014).

SOBRE CONVIVÊNCIA E INTOLERÂNCIA

A intolerância à diferença e mesmo à divergência, por mínima que possa se colocar, é uma constante verificável nas redes sociais. No *Facebook*, por exemplo, é comum mensagens semelhantes como as que verificamos a seguir:

Ontem às 19:21 · 👤

se você consegue ler isto, sobreviveu a um passa-fora que levou mais de 400 "amigos" que eu tinha no facebook.

Curtir · Comentar · Compartilhar

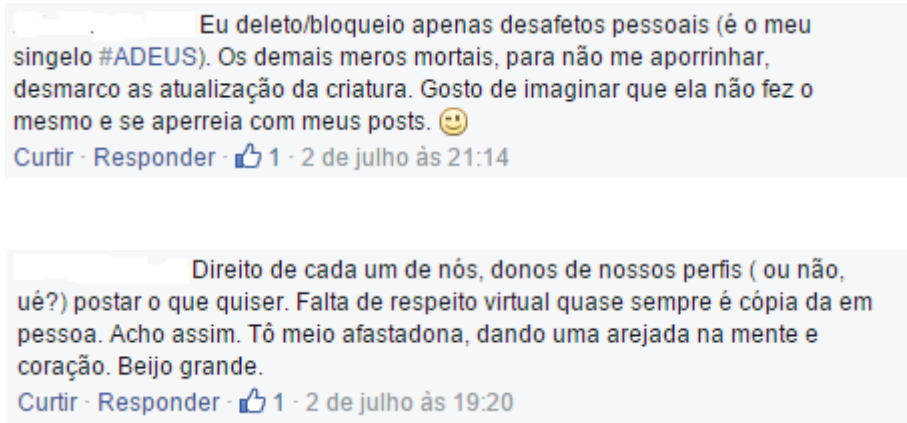


Figura 2. Fragmentos de textos do *Facebook* sobre exclusão de amigos

Tais relatos se configuram também como táticas estéticas porque comportam uma exaltação legitimada pela dimensão sensível apresentada por convicções próprias, que podem ser visões e perspectivas do mundo e posições marcadas sobre sentimentos e opiniões. Também são artifícios de discurso, recorrentes no passado, no âmbito do uso racionalista do afeto pela retórica, que se caracterizava como a arte da expressão e da persuasão, servindo para convencer, no sentido racionalista do termo o que, para Sodré (2006), indica seu aspecto afetivo ou irracional e, desta forma, serve para comunicar ideias e emoções, produzindo sensações, mas demarcando e afirmando convicções sobre variadas temáticas.

Para Ricoeur (2014), a possibilidade que cada sujeito tem de ser autor e de julgar seus próprios atos racionalmente, ou seja, estimar a si mesmo e analisar suas vivências, tem relação com a “vida boa”. Segundo Aristóteles, para ser feliz, o homem necessita estabelecer relações mútuas, em que cada um “deseje o bem ao outro”. A amizade, segundo o filósofo grego pressupõe a mutualidade, base para a constituição do princípio de alteridade.

Ricoeur, a partir de Aristóteles, afirma que “segundo a ideia de mutualidade, cada um ama o outro como ele é [...]. Esse ‘como’ previne toda deriva egológica ulterior: ele é constitutivo de mutualidade (RICOEUR, 2014, p.215). Nas redes sociais, como o *Facebook*, no entanto, verificamos que a mutualidade é gerida pelo limite do pensamento

alheio, ou seja, o “amigo” não poderá permanecer como sendo “como ele é” – princípio da relação de amizade⁷, segundo Aristóteles (*apud* RICOEUR, 2014, p.217).

Desta forma, assim como acredita Ricoeur, não é possível vislumbrar um conceito aristotélico franco de alteridade, na medida em que “é a estima de si” que condiciona à “vida boa e a amizade”, enquanto relação mútua, representando um adicional à estima de si, ou seja, uma ideia de mutualidade entre sujeitos que estimam a si mesmos.

A partir da ideia de mutualidade, Ricoeur estabelece um diálogo com a filosofia da intersubjetividade, com objetivo de compreender o princípio de alteridade que valorize “o si mesmo como um outro” (2014).

As complexidades de relacionamentos no âmbito das redes sociais são estudadas por Recuero (2013, p.58), que busca verificar os “atos de ameaça à face” nas redes sociais, sendo face “valores positivos que um determinado ator busca por meio de sua expressão”. O foco são o *trolling* – “ato de desestabilizar as pessoas para a diversão pessoal ou de vários outros” (RECUERO, 2003, p. 63) – e seus efeitos. Para a autora, “essas práticas podem gerar danos consideráveis para os grupos e as conversações em rede, notadamente reduzindo o capital social gerado e construído pela mediação do computador” (p. 65). A hiperconexão permitida pelas redes e as próprias características dos participantes podem “potencializar os danos gerados pelo *trolling*”, afirma Recuero.

Além da polarização e da intolerância verificadas nas redes, Sylvia Moretzsohn, professora da Universidade Federal Fluminense, em entrevista à *Carta Capital*⁸, afirma que, “veem-se, em geral, a cristalização de opiniões, a rejeição ao contraditório e a reprodução de certos clichês ideológicos que apaziguam a consciência daqueles que têm convicções e não estão abertos ao debate”.

O fato é que as redes sociais digitais não estão acima do bem e do mal, como qualquer outro constructo humano. Toda e qualquer tecnologia só se realiza no uso social, o qual está condicionado pelo homem e suas ideias, no cotidiano nada simples, para não dizer supercomplexo, que serve de território à história. “A vida cotidiana é a vida do homem *inteiro*; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua

⁷ Importante marcar a questão da amizade, enquanto conceito filosófico pela própria nomenclatura do *Facebook*, que classifica seus usuários como uma rede de “amigos”. Para Aristóteles, a amizade é uma virtude necessária à vida e se relaciona ao compartilhamento da felicidade. Na ética aristotélica, quanto mais o homem sofrer influência (inclusive na relação com a política e o poder), mais necessidade de amigos. Ver mais in: ARISTÓTELES. *Ética a Nicômano*. Coleção Obra-prima de cada autor. Martin Claret, 2001.

⁸ Cf. Revista *Carta Capital*, edição de 02 de outubro de 2013, nas reportagens “Os brucutus da timeline”, e “Diálogo de surdos”.

individualidade, de sua personalidade” (HELLER, 2008, p. 32). Os usuários das redes sociais colocam em funcionamento, nesse sentido, todas suas paixões, ideias, ideologias, as quais revelam-se como espécie de movimentos catárticos.

A catarse remonta a concepção aristotélica, cuja argumentação baseia-se no fato de que algumas emoções podem ser liberadas como uma descarga emocional provocada por uma situação dramática. Na Grécia Antiga, a *catharsis* era compreendida como o despertar de *eleos* e *phobos*, respectivamente piedade e temor, a partir de uma ação representativa que se daria na tragédia, enquanto processo de identificação numa economia de afetos (REZENDE, 2014).

Há variadas relações entre os atores que configuram a catarse nas redes sociais na relação textual que imprime a intolerância na convivência virtual no ciberespaço. Os usuários atuam de forma a moldar as estruturas sociais que se realizam através de interações e pela constituição dos laços sociais. Para Neiva (2013, p. 472), “por mais que se queira transformar as redes sociais em algo que esteja livre dos problemas e práticas da vida em sociedade, isso de fato não acontece”. A vida na ambiência da rede não é um mundo à parte: assim como no espaço físico do mundo ordinário, é eivada por dilemas, dores, preconceitos, *bullyings*, alegrias, compaixão, egoísmos, sonhos, ideologias, etc.

Conforme analisa Bauman, em entrevista à revista *Época*⁹, as redes sociais digitais são um fenômeno complexo e potente, tanto que se projeta a seus usuários também como um padrão para a vida *off-line*, o que lhe parece inapropriado, segundo o sociólogo polonês:

[...] redes, você sabe, são interligadas, mas também descosturadas e remendadas por meio de conexões e desconexões[...] As redes sociais eram atividades de difícil implementação entre as comunidades do passado. De algum modo, elas continuam assim dentro do mundo *off-line*. No mundo interligado, porém, as interações sociais ganharam a aparência de brinquedo de crianças rápidas. Não parece haver esforço na parcela *on-line*, virtual, de nossa experiência de vida. Hoje, assistimos à tendência de adaptar nossas interações na vida real (*off-line*), como se imitássemos o padrão de conforto que experimentamos quando estamos no mundo *on-line* da internet [...] (BAUMAN, 2014, s/n¹⁰).

Para além dos usos de informação e de entretenimento, as redes sociais estão se tornando espaços de catarse, onde os usuários podem se expressar suas opiniões e construir

⁹ Cf. Revista *Época*, edição de 19 de fevereiro de 2014, “Entrevista Zygmunt Bauman: ‘Vivemos o fim do futuro’”.

¹⁰ Idem nota 8.

arranjos narrativos cada vez menos díspares, na tentativa, talvez, de “sobreviver às derrotas inevitáveis, de dar forma a nosso entorno, de dominar a complexidade [...]” (MURRAY, 2003, p. 156) da vida cotidiana: “o outro tem que ser (pensar) igual ou semelhante a mim”

Na medida em que os sujeitos são solicitados a viverem no interior de ambientes tecnocomunicacionais como as redes sociais digitais, onde a interatividade e a conectividade são permanentes, cada vez mais pessoas se organizam em redes de relações que conectam indivíduos e grupos, conforme a realização dos objetivos e de decisões que podem ser tornar estratégicas.

A liberação emocional, na qual a catarse se evidencia na narrativa, resulta numa enxurrada de expressões emotivas. Para a psicanálise, trata-se de um método em que o efeito objetivado é a purgação (*catharsis*), uma “descarga” dos afetos ligados aos acontecimentos trágicos ou discordantes, num desejo de indignação, superação e/ou esquecimento da situação (enunciado) ou do outro; trata-se de um método terapêutico cujo efeito de purgação e/ou repugnantes, ou seja, uma descarga emocional na qual se libera, no sujeito, satisfações substitutivas. As reminiscências podem ser provocadas de diferentes formas e geralmente é significada por meio do processo de análise em que o sujeito ressignifica a emoção através da fala (aqui da narrativa – as postagens).

Para Spinoza, tanto a ação quanto a paixão se dão em termos de causa adequada e de causa inadequada e o homem livre é aquele que não se deixa vencer pelo exterior, mas sabe dominá-lo. É nesse contexto que Spinoza define a essência humana pelo desejo, ou, segundo Chauí (1979, p. 20), “o desejo é a tendência interna do *conatus* em fazer algo que conserve ou aumente sua força”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Lukács (apud FREDERICO, 1997, p.56) o comportamento cotidiano do homem “é o começo e o fim de toda a ação humana”. Hoje, esse cotidiano é articulado por uma rede comunicacional de plataformas multimidiáticas alimentadas por conteúdos informacionais (notícias, entretenimento, publicidade, etc.), produzindo formas diferentes de se relacionar e construir referências simbólicas. Vive-se um cotidiano midiaticizado. Nessa realidade, “as instituições, as práticas sociais e culturais articulam-se diretamente com os meios de comunicação, de tal maneira que a mídia se torna progressivamente o lugar por excelência da produção social de sentido, modificando a ontologia tradicional dos fatos

sociais”, configurando-se o que Sodré (2002, p. 27) denomina como “sociedade midiaticizada”.

Na contemporaneidade, a vida é articulada, cada vez mais, pelas conexões midiáticas, e a existência é crescentemente mobilizada/dinamizada pelos conteúdos que circulam no sistema linfático da comunicação em rede de mídias. As redes sociais digitais, como o *Facebook*, participam, cada vez mais, do regime de opinião dos internautas, como demonstramos, inclusive, em artigos anteriores¹¹.

Segundo Castells (1999), a inclusão da maior parte das expressões culturais no sistema de comunicação integrado, como a Internet (baseado na produção, distribuição e intercâmbio de sinais eletrônicos digitais) tem consequências importantes para os processos sociais e contextos democráticos porque enfraquece consideravelmente o poder simbólico dos emissores tradicionais e também transforma o espaço e o tempo, dimensões fundamentais da vida. No entanto, torna-se importante observar na ambiência da rede, as situações enunciativas de polarização e intolerância manifestas nas narrativas que desenvolvem a catarse numa espécie de gozo de si e ojeriza ao outro. Há estudos¹² que apontam que os usuários de redes como o *Facebook* criam bolhas de convivência, uma espécie de “grade de proteção” às verborragias adversas, às opiniões divergentes. Nesse sentido, a ampliação das expressões culturais, sociais, religiosas, entre outras, enquanto políticas estabelecidas no espaço digital parecem colidir com as posições demarcadas ao pensamento fechado e, muitas vezes, extremo de alguns usuários que “decretam a exclusão do outro” como alternativa à manutenção da tranquilidade na rede.

Para Janet Murray (1999), o computador passou a ser visto como espaço a partir do momento em que, através da interatividade com o programa, o usuário sentia que era possível modificar o lugar “do outro lado da tela”. Tornou-se possível perceber a presença do outro no ambiente virtual, permitindo, inclusive, a criação de espaços de sociabilidade. No entanto, há que se problematizar também esse espaço como território de intransigência à alteridade, às opiniões, crenças, atitudes, modos de ser reprovados ou julgados como falsos.

¹¹ Ver mais in: MARTINUZZO, J. A. ; REZENDE, R. . **Regime de opinião no cotidiano das redes sociais: uma análise do Facebook**. Verso e Reverso (Unisinos. Online), v. 28, p. 156-165, 2015 e MARTINUZZO, J. A. ; REZENDE, R. . **Opinião na Rede: Influência e Dinâmica no Facebook**. Revista FAMECOS (Impresso), v. 22, p. 120-144, 2015.

¹² Segundo pesquisa realizada pelos cientistas sociais do Facebook, publicada na revista *Science*, o próprio algoritmo do sistema filtra o que é mostrado aos usuários para fornecer apenas o que lhe agrada no ambiente da rede. No entanto, segundo a pesquisa, os próprios usuários são responsáveis por se fecharem em suas próprias ideias e reduzirem a diversidade ideológica das páginas. Ver mais in: http://brasil.elpais.com/brasil/2015/05/06/tecnologia/1430934202_446201.html. Acesso em: 05/06/2015.

Os relatos de intolerância à alteridade que reverberam narrativas catárticas incorporam elementos enraizados na experiência individual, dentro de um campo de operações singulares, mas que oferecem reconhecimento e demarcações fechadas, tal e qual produzem para os demais atores que compartilham suas opiniões na rede. A estratégia configura-se, segundo Sodré (2006, p.11) como “*eustochia*, clássica designação grega para a mirada justa sobre uma situação problemática, convocada pela potência sensível do sujeito”. O significado em potência é um afeto que irrompe num aqui e agora. “As experiências sensíveis podem orientar-se por estratégias espontâneas de ajustamento e contato nas situações interativas, mas salvaguardando sempre para o indivíduo um lugar exterior aos atos puramente linguísticos, o lugar singularíssimo do afeto” (SODRÉ, 2006, p.11).

O afeto, enquanto afetividade (conjunto de fenômenos psíquicos experimentados na forma de emoções e de sentimentos), mas também afetação (*affectedatio* - exageração de sentimentos, e também vaidade, pedantismo, presunção) passou a atuar em termos de influência ou poder na construção da realidade social, moldando percepções, significações, costumes, opiniões, produzindo efeitos sociais.

O cotidiano dentro e fora da rede se reinventa, hoje, pelas práticas comunicacionais e tecnologias correlatas, no ritmo das demandas, dos sonhos, dos projetos e necessidades que são, inclusive, moldados e mobilizados pelas opiniões, cada vez mais mediatizadas. Por sua importância no universo das interações, o território informacional se tornou uma dimensão relevante da vida como um todo, somando suas experiências comunicacionais às vivências sensíveis ou presenciais, constituindo uma sociabilidade peculiar no século XXI, mas não apartada de dilemas, problemas, desafios e idiossincrasias humanas datadas de seu tempo e espaço, incluindo o ciberespaço.

Nessa direção, o *homo digitalis* ou o *homo communicator* pode ser invejoso, radical, preconceituoso, exatamente como o *homo analogicus*. De outra sorte, pode ser generoso, afável, compassível, tanto na dimensão digital quanto na dimensão sensível. A técnica não salva nem condena ninguém, simplesmente dá meios para o homem ser – ser o que inventa e reinventa cotidianamente com os meios de que dispõe.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Obras**. Madeira: 2ª. Ed. Aguilar, 1973.

_____. **Ética a Nicômano**. Coleção Obra-prima de cada autor. Martin Claret, 2001.

BAUMAN, Zigmunt. **Entrevista Zygmunt Bauman: ‘Vivemos o fim do futuro’**. In: Revista *Época*, edição de 19 de fevereiro de 2014.

CARDOSO, Gustavo. **Da comunicação em massa à comunicação em rede: modelos comunicacionais e a sociedade da informação**. In: MORAES, Denis (Org.). *Mutações do visível*. Rio de Janeiro: Pão e Rosas, 2010.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHAUÍ, M. (Org.). **Espinosa: vida e obra**. In: _____. *Espinosa*. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p. 6-29. Coleção Os Pensadores.

_____. **Espinosa: uma filosofia da liberdade**. São Paulo: Moderna, 1995.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

MORAES, Dênis (Org.). **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

_____. **Mutações do Visível: da comunicação de massa à comunicação de rede**. Rio de Janeiro: Pão e Rosas, 2010.

MURRAY, Janet. **Hamlet on the Holodeck: o futuro da narrativa no ciberespaço**. São Paulo: Itaú Cultural, Editora Unesp, 2003.

NEIVA, Eduardo. **Dicionário Houaiss de Comunicação e Multimídia**. São Paulo: Publifolha, 2013

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre, Sulina, 2009.

_____. **Atos de ameaça à face e à conversação em redes sociais na internet**. In: PRIMO, Alex. *Interações em rede*. Porto Alegre: Sulina, 2013.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis, Vozes: 2006.

_____. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis, Vozes, 2009.

_____. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis: Vozes, 2002

REZENDE, Renata. **A catarse cotidiana: performances dramáticas no Facebook**. *Culturas Midiáticas*, v. 7, p. 1-15-15, 2014.

RICOEUR, Paul. **O si mesmo como um outro**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2014.

SPINOZA, B. **Ética (1677)**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.